



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Elementos e Expressões da Umbanda no Município de Parintins/AM¹

Alessandra Pereira ANSELMO²
Dayana Cury ROLIM³
Joana Izabel Teixeira das CHAGAS⁴
Rafael Alexandre Penha SILVA⁵
Universidade Federal do Amazonas

Resumo

O presente artigo apresenta uma discussão sobre os elementos e expressões utilizados na Umbanda no município de Parintins/Am. Para tanto, utilizou-se nos procedimentos metodológicos revisão bibliográfica, bem como pesquisa de campo a partir de entrevista semiestruturada com a líder espiritual, dona do terreiro São Sebastião em Parintins. Assim, no decorrer da pesquisa observou-se a importância de conhecer a Umbanda como religião brasileira, evidenciando cada traço específicos como orixás, entidades, atabaques, trajes, guias, festejos e a cultura que a religião abrange. Espera-se com este artigo responder algumas inquietações acerca da Umbanda, porém, não abarca a totalidade do assunto, devido a sua complexidade e riqueza literária.

Palavras-chave: Umbanda; Elementos; Expressões

Introdução

A religião umbandista, conforme frisa Martins (2011, p. 19) representa, um “importante capítulo na história das religiões de matrizes africanas no Brasil. Hoje praticada em todo o país vem ganhando cada vez mais reconhecimento nacional e dimensões internacionais”. Neste caso, tomar consciência da história da Umbanda é um

¹ Trabalho apresentado no GT Cultura, Meio Ambiente e Ancestralidade da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Estudante de Graduação 2º. semestre do Curso de Serviço Social do ICSEZ-UFAM, e-mail: alessandraanselmo23@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Serviço Social do ICSEZ-UFAM, e-mail: dayanarolim@ufam.edu.br

⁴ Estudante de Graduação 2º. semestre do Curso de Serviço Social do ICSEZ-UFAM, e-mail: joanaizabel13@hotmail.com.

⁵ Estudante de Graduação 2º. semestre do Curso de Serviço Social do ICSEZ-UFAM, e-mail: rafalexpenha@gmail.com



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

pressuposto para a sua compreensão, pois a partir de sua origem e evolução compreendemos sua organização estrutural que contempla desde suas manifestações nos terreiros até como a mesma é vista na sociedade.

Nesta direção, este artigo tem por objetivo elencar sobre os elementos e expressões utilizados na Umbanda no município de Parintins, além disso evidenciar os processos que fundamentam essa religião, uma vez que as práticas umbandistas variam de terreiro para terreiro.

Além desta introdução este artigo está dividido em seis tópicos, a saber: o primeiro compreende o contexto histórico da Umbanda no Brasil, o segundo aborda o significado da Umbanda, o terceiro corresponde aos elementos utilizados na Umbanda no município de Parintins, o quarto faz uma análise das expressões usadas e, por fim, as considerações finais.

Para discutir a realidade da Umbanda no município de Parintins, utilizou-se de pesquisa de campo a partir de entrevistas com a líder espiritual no Terreiro São Sebastiao, assim como houve observações nas sessões espirituais com permissões da própria líder.

As particularidades dessa religião são diversas, não podendo apreender a sua complexidade, mas a discussão debatida neste artigo convida para uma reflexão sobre a Umbanda no município de Parintins/Am.

Um breve histórico da Umbanda no Brasil

Segundo Barbosa Júnior (2014), a Umbanda no plano Astral, existe muito antes de 1908. Diversos segmentos localizam sua origem terrena em civilizações e continentes que já não existem. Sendo assim, por que a Umbanda só foi fundada no Brasil em 1908 e quais foram os fatores que propiciaram a sua constituição como uma instituição religiosa, gerando sua rápida expansão?

A fundação da Umbanda no plano terreno está diretamente ligada a dois fatores, o primeiro foi Abolição da Escravidão, quando a princesa Izabel assinou em



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

1888 a Lei Áurea. Este fator é de suma importância, uma vez que a administração senhorial dos escravos proibia manifestações públicas de danças, cantos e liturgias que não tivessem caráter cristão. Os quilombos não eram apenas um escape para a situação de escravidão, mas também um local onde os escravos poderiam manifestar sua cultura sem o medo do açoite. Estes escravos eram originários de diversificadas etnias africanas, esta pluralidade cultural também era encontrada nas fazendas, mas eram fortemente reprimidas, já nos quilombos existia uma liberdade que propiciou a formação da identidade cultural afro-brasileira. Outro fator foi a perda da condição de religião oficial do catolicismo no Brasil, sendo esta mudança resultado da proclamação da República (VICENTINO & DORIGO, 2013).

Somente após estes dois fatos históricos, começa então a surgir no Brasil uma relativa liberdade religiosa, essa liberdade é definida aqui como “relativa”, devido ao grande preconceito à essas religiões afro-brasileiras, preconceito este, ainda existente, que leva muitos a não se declararem abertamente como Umbandistas.

A Umbanda como religião nasceu em São Gonçalo (RJ) em 1908, através de Zélio Fernandino de Moraes, de apenas 17 anos, que costumava incorporar várias entidades, então, seus familiares definiam estes momentos como “ataques”. Procuraram inicialmente ajuda médica e não obtendo sucesso, Zélio foi levado a um centro espírita, onde foi convidado a tomar assento à mesa da sessão da Federação Espírita de Niterói no dia 15 de novembro. Na sessão, Zélio incorporou Caboclo das Sete Encruzilhadas, espírito considerado inferior e/ou atrasado pelos espíritas, este deixou o recado de que no dia 16 de novembro, haveria o início de um culto na casa da família de Zélio, no qual seria fundada uma religião na qual se pregaria a caridade, humildade e igualdade entre os encarnados e desencarnado (BARBOSA JÚNIOR, 2014).

O autor ainda ressalta que a Umbanda, religião brasileira com matriz africana, recebe influência de outras religiões, como o Cristianismo, Kardecismo, Indianismo e Orientalismo. Mas, quando se diz que a Umbanda tem matriz Africana, é necessário compreender que não existe uma África ou um africano, são diversos povos, diversas culturas, chega, então ao Brasil diferentes culturas de diferentes etnias Africanas (AVANCINI, 2009).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Atualmente ainda existe grande preconceito com religiões de matriz africana como a Umbanda. Mas desde final da década de 1960 início da década de 1970, começa a haver um questionamento dos padrões europeus burgueses vigentes e uma valorização de culturas tradicionais como a Umbanda (PRANDI, 2003).

Após o longo trajeto que a Umbanda percorreu, a religião hoje é comemorada oficialmente em 15 de novembro, uma religião que expandiu não somente em solo brasileiro, mas trilhou novos caminhos, alcançou outros países como Argentina, Portugal, Espanha, entre outros. Reafirmando as palavras do Caboclo que dizia em suas doutrinas não haver barreiras para a prática espiritualista (MARTINS, 2011).

Umbanda: desvendando seu significado

A Umbanda é uma religião afro-brasileira que pode ser compreendida como uma mistura de diferentes cultos ou doutrinas religiosas, com reinterpretação de seus elementos como o Catolicismo, Espiritismo, Hinduísmo, entre outras. O termo umbanda de acordo com Martins (2011) deriva do termo Aumbanda que foi proposto pelo seu fundador Zélio de Moraes incorporado pelo “Caboclo das Sete Encruzilhadas” e significa de acordo com o mantra sânscrito “Deus ao nosso lado”. Uma das suas características são seus cultos, onde os praticantes incorporam as entidades. Ortiz (1978) destaca que a umbanda se fundamenta na veneração dos espíritos, estas entidades tomarão vida através da manifestação no corpo do adepto.

Como qualquer outra religião, essa doutrina dispõe de princípios básicos como: existência de um Deus único, de santidades ou orixás e a crença de guias e entidades espirituais (MARTINS, 2011). É importante ressaltar que todo esse processo de devoção e oferenda, entre outros aspectos presentes na umbanda, se estruturam nas Linhas Brancas da Umbanda.

De acordo com a Coletânea Umbanda (2013, p. 203):

As Linha Branca de Umbanda e Demanda, compreende Sete Linhas: a primeira de Oxalá; a segunda de Ogum; a terceira, de Euxoce (Oxossi); a quarta, de



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Xangô; a quinta de Nha-San (Yansã); a sexta de Amanjar (Yemanjá); a sétima é a Linha de Santo, também chamada de Linha das Almas.

O autor ainda destaca o propósito da Linha Branca de Umbanda que é a prática da Caridade, libertação de obsessões, curar as doenças de origem espiritual, desfazer os “trabalhos” oriundos da magia negra, e preparar os terreiros para as sessões.

A Umbanda é uma religião historicamente brasileira, onde a mesma resgata os personagens que protagonizaram a formação social do Brasil. Como resultado do sincretismo a celebração de seus rituais e as entidades cultuadas são, sobretudo, os “caboclos” (índios), “pretos-velhos” (negros) e “ibejis” (crianças), além das “falanges” africanas.

Na Umbanda assim como em outras religiões e afro-religiões são utilizados inúmeros objetos para os mais variados fins. O próprio fundador da umbanda Zélio, encarnado pelo “Caboclo das Sete Encruzilhadas” estabelece alguns desses objetos como: os uniformes de cor branca, adornos, espadas, capacetes, escudos, vestimentas multicores, rendas, lamês e o uso de colares denominados guias (COLETÂNEA UMBANDA, 2013).

A Umbanda em Parintins: uma breve discussão sobre o terreiro São Sebastião

A Umbanda como religião chegou ao Baixo Amazonas há cerca de 30 anos, apesar de seus municípios conter uma tradição fortemente católica, a prática da religião Umbandista vem se inserindo na sociedade Parintinense (JÚNIOR, et al, 2014).

Em entrevista, a líder espiritual de condinome Mãe Bena, dona do terreiro São Sebastião em Parintins, retrata a importância da religião em sua vida. Mãe Bena, declara:

A Umbanda é a minha vida, é minha missão que eu trago de berço, cada um nasce com um dom. Eu tenho a Umbanda como minha religião, minha missão. Sou católica, sou casada na igreja católica e sou casada na Umbanda também. Então ela representa para mim tudo, a irmandade, a caridade, a harmonia e a paz (Mãe Bena, pesquisa de campo 2017).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Apesar de não ter muitos terreiros em Parintins, podemos encontrar influências da Umbanda no município no contexto do festival folclórico dos Bois Bumbás, em dois personagens do festival: o “Pai Francisco” e a “Mãe Catirina”. Nomes estes atribuídos aos médiuns na Umbanda, chamados de “pai” e de “mãe de santo” (SILVA E FERREIRA, 2015).

A Umbanda atualmente atrai várias pessoas para dentro dos terreiros com o intuito de buscar a cura, geralmente são pessoas desacreditadas na medicina para tratar suas doenças, então recorrem a sabedorias dos médiuns, pessoas essas de diferentes grupos étnicos e sociais, como frisa Marion (2014).

Em Parintins não poderia ser diferente, Mãe Bena comenta: “muitas pessoas me procuram, independentemente de sua posição social, eu recebo todas as classes”. Os médiuns na Umbanda, são autoridades espirituais, não cobram por atendimentos prestados aos fies que buscam através de suas rezas a cura. Só aceitam doações ou trocas para a manutenção da casa, como ressalta a Médium:

Eu não cobro, vai da consciência da pessoa de achar que deve ou não fazer uma doação. Eu coloco os preços ali, porque as vezes a pessoa quer abusar do nosso trabalho, mas cobro apenas jogo de cartas, leitura da mão, bola de cristal. E também é preciso manter a casa, aqui é o dia inteiro com vela acesa (Mãe Bena, pesquisa de campo, 2017).

No terreiro São Sebastião, observa-se inúmeras imagens de santos, bebês, índios, caboclos e pretos velhos. Os médiuns chamam de Orixás e entidade, cada um tem seus nomes, cada um vem de um determinado povo, alguns vêm das águas, outros das matas, cada um com suas peculiaridades. Nesse sentido, Mãe Bena destaca:

Os que trabalham na minha casa são Mãe Mariana, Seu Zé Maria, Cana Braba, Jurema, Tranca Rua, Sete Encruzilhadas. Todas as Santas para nós são Iemanjá, temos os Preto Velhos, o povo de légua que são os boiadeiros. Os ciganos têm a ver com o povo de encruzilhada linha de crianças que são os Êres, linhas de índio que temos o Pena Verde dono da casa, Ubirajara (Mãe Bena, pesquisa de campo, 2017).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Outro fator que despertou a curiosidade, são as relações dos Exus e orixás, visto que os Exus não estão junto com os Orixás, os mesmos permanecem em um pequeno quarto separado dos Orixás de linha branca. Eles geralmente são entidades que possuem uma forte magia, as imagens são caracterizadas com um garfo de três dentes, os homens têm chifres, as mulheres são bem sensuais, denominadas de “pomba gira”.

Mãe Bena afirma que os exus são seres de luz que evoluem de acordo com o bem que realizam, os orixás e exus não se tem distinção, ambos são vistos com a mesma reverência para ela, apesar de estarem separados fisicamente.

Mãe Bena ressalta, “que a maldade não está nos exus, a maldade está no ser humano, quando o mesmo se utiliza da magia para praticar o mal”. Os pedidos feitos a eles são articulados apenas com cliente e a entidade que as usa para o bem e para o mal. A líder espiritual, também relata a importância dos festejos umbandistas em Parintins, destacando algumas comemorações realizadas no terreiro São Sebastião:

Tem São Cosme e Damião, São Sebastião, São Lázaro, São Jorge Guerreiro, a festa principal da casa é de Oxóssi que é São Sebastião, Iemanjá nós festejamos final de ano, não festejamos no dia de Iemanjá que é 02 de fevereiro e sim dia 31 de dezembro, a gente agradece pelo ano todo que a gente trabalhou. Então, canto para a Iemanjá final do ano, a gente vai fazer nosso agradecimento, nossas mensagens para o ano novo. E é realizada a festa no meio do rio (Mãe Bena, pesquisa de campo, 2017).

Todas as festas comemoradas no terreno São Sebastião são marcadas com muita alegria e dedicação, visto que todos são convidados a participar dessa celebração. No terreiro, comemora-se como festa principal São Sebastião, denominado na Umbanda como Oxóssi. São Cosme e Damião, é a festa que mais atrai as crianças, nos quais são distribuídos doces e bombons. Iemanjá comemora-se no final do ano para agradecer por todo ano trabalhado, como em Parintins não tem praias, os religiosos deslocam-se para o meio do rio e iniciam-se a entrega de oferendas para Iemanjá. Além disso, comemoram-se os aniversários dos espíritos incorporados e dos filhos da casa.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Elementos utilizados na Umbanda: destaques da líder espiritual do Terreiro São Sebastião

A Umbanda como religião possui rituais que necessitam de alguns elementos para fomentar sua liturgia e construir sua cultura religiosa. Dessa maneira, ao observar o terreiro de mãe Bena, encontramos elementos que geraram curiosidade quanto ao seu significado e utilização, com o auxílio da médium identificamos cada elemento que serão descritos logo a seguir, afim de entendermos sua importância.

O Atabaque é um instrumento conhecido popularmente como “tambor”, é feito de madeira e aros de ferros, desempenham o papel de contagiar através das músicas e de atrair as entidades do início ao fim do ritual, ao observar este instrumento nas giras de umbanda, percebe-se a sua importância, visto que através de seus sonoros sons contagia os médios e os adeptos a se conectarem com o mundo sobrenatural.

Mãe Bena revela que quem toca este instrumento é conhecido como atabaqueiro, tanto homem, como mulher utiliza deste instrumento em gira de Umbanda, além de outros instrumentos como chocalhos e pandeiros. Ainda relata que um dos primeiros instrumentos para percussão eram chamados de macumba, logo os que tocavam eram chamados de macumbeiros, nada referente a magia como muitos pensam.

Os guias também são elementos da Umbanda conhecidos como protetores dos médiuns. Mãe Bena explica a importância dos guias (colares) na vida de um Umbandista, segundo a médium: “O guia é proteção, segurança, a guia que você usa significa firmeza. Para usar um guia a pessoa não tem que estar impura, no caso de ser uma moça não pode estar menstruada”. Todos os médiuns do terreiro utilizam-se de um guia, que são confeccionados com miçangas com cores variadas, dependendo da entidade pelo qual o médium representa.

A exemplo disto, Verger (1981) ressalta os guias que cada orixá representa, a Ogum pelo sincretismo religioso associa-se a São Jorge, as quais as cores da guia são contas vermelhas, já Oxóssi a São Sebastião as cores da guia são contas azuis-esverdeadas.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

A Coletânea Umbanda (2013) descreve que a utilização das guias nos rituais, são determinadas pelas entidades que se manifestam, não são as quantidades de guias usadas que representam a força do médium, a guia é feita de acordo com os protetores, para o Preto-Velho deve-se usar a guia de Preto-Velho, para o Caboclo a guia correspondente ao Caboclo, não havendo a necessidade de carregar cinco ou dez guias no pescoço.

As Bebidas são elementos de suma importância, ao participar dos rituais percebe-se que os médiuns e os filhos da casa compartilham das bebidas alcoólicas para participar da celebração. Neste sentido, mãe Bena nos explica que as bebidas que os médiuns experimentam do início ao fim do ritual são para purificação do corpo para receber as entidades e para realização de trabalhos. Nota-se que nas giras o médium incorporado por alguma entidade solicita a sua bebida ao cambono que o serve e fica à disposição para receber a entidade que chega ao ritual.

Os Orixás e Exus são elementos que representam espíritos de diversos níveis de luz e que podem ser encontrados em forma de imagens. Os Orixás são imagens que ao sincretismo religioso associam aos santos da igreja católica. Orixás como Ogum (São Jorge), Oxalá (Jesus) Oxóssi (São Sebastião) Xangô (São Pedro), Iansã (Santa Barbara) e Oxum (Nossa Senhora da Conceição) e Iemanjá (todas as Santas) são os 7 Orixás mais usados na linha umbanda. Mãe Bena afirma, que os orixás têm suas particularidades, sentem emoções e sentimentos similar a dos humanos e possuem características diferenciadas entre eles, em relação a cantigas, cores e rezas.

De acordo com Verger (1981) os Exus são consagrados em ambiente naturais, choupanas isoladas, ou até mesmo atrás da porta de casa, o mesmo trabalha tanto para bem ou para o mal. O autor faz comparação do Exu com as pessoas, nos quais as pessoas podem ter um caráter ambivalente, podendo ser boas e más, praticando algo positivo ou negativo no seio da sociedade.

A defumação também é um elemento de grande importância na Umbanda. Os Umbandistas acreditam que através da defumação espantam energias negativas e preparam o local para atrair vibrações positivas. As ervas na defumação funcionam como descarrego. Ao entrar no terreiro da médium nota-se que não só o local é



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

defumado, mas os filhos da casa também, defumando-os acima da cabeça e embaixo dos pés. Mãe Bena ressalta que toda energia negativa atribuída ao dia tem que ser liberada, os sentimentos do dia que não contribuem para a vida e causam desarmonia, não se pode deixar está presente nos rituais, logo a defumação contribui para relaxamento e o sentimento de paz.

Quanto as vestimentas, cada médium possui uma roupa específica e com os seus guias equivalentes, identificamos na pesquisa ao terreiro que as roupas utilizadas pelos médiuns no início do ritual são as vestimentas na cor branca, logo após a conexão com o plano superior, os médiuns incorporados pelas entidades trocam de roupas de acordo com a entidade incorporada. A exemplo disto, entidades como Êres que preferem roupas infantis, ou a caboclo boiadeiro como Zé Raimundo, guia de Mãe Bena, que usa botas e chapéus com cores variadas.

Já as velas simbolizam graças alcançadas ou permanecem acesas para se fazer um pedido, cada uma possui cores diversificadas, assim como representam um pedido ou agradecimento a Orixá ou a Exu. Mãe Bena diz que as velas acesas a pedidos a Exus, permanecem acesas por 7 dias até a confirmação do pedido alcançado. As velas expressam uma simbologia de graça e de agradecimentos a Exus e aos Orixás. Os Exus por sua vez preferem velas nas cores pretas e vermelhas.

Expressões usadas na Umbanda

As religiões afro-brasileiras como a Umbanda constituem nitidamente o retrato da multiculturalidade do povo brasileiro. Torna-se comum em muitos brasileiros expressões usadas a Oxalá em agradecimento ao dia, e a pedido de força a Ogum em uma tomada de decisão importante (CIZOTO, 2016).

Nesta direção, as expressões são características fundamentais a ser destacada na religião Umbandista, visto que no processo de observação ao terreiro são Sebastião em Parintins, ouve-se muitas expressões verbais ao saudar uns aos outros ao entrarem no terreiro, além de usar desses vocabulários em cumprimentos a orixás.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Neste sentido, cada palavra tem o seu significado, “saravá” por sua vez é uma saudação de cumprimento muito usada em cultos afro-brasileiros, significa “salve” ou “seja bem-vindo”, expressão esta, muito usada no terreiro de Mãe Bena.

Ao pesquisar sobre o sentido etimológico da palavra, nota-se que a expressão surgiu da palavra “salvar”, da dificuldade dos escravos ao pronunciar a palavra e diziam “salavar” e sob influência da fonologia banto passou a se chamar “saravá” (COLETANEA UMBANDA, 2013).

Outra saudação comum em giras de Umbanda é a palavra “axé” significa energia positiva ou o mesmo Deus que habita em mim, habite em você também, como descreve Mãe Bena. Além das saudações aos filhos da casa, percebe-se no terreiro da líder espiritual um vocabulário ao reverenciar os orixás, cada médium cumprimenta seu orixá de forma diferenciada.

Ouvimos no terreiro expressões verbais a alguns orixás. Para Oxalá usar-se o termo “epá Baba Oxalá ou Exe babá” que significa “o senhor realiza, obrigado Pai, para Oxóssi pronuncia-se o termo “Okê Arô” significa “majestade”, para Iemanjá “ Odoyá” significa “ senhora das águas”.

Verger (2002) ressalta a linguagem referida a saudação axé e aos orixás, característico de um grupo linguístico há milhões de anos chamados Iorubá, um povo africano, localizados na cidade de Ifé. O povo Iorubá não tinha consciência de si como grupo como descreve Obateru (2006), “falava dialetos inteligíveis e tinham culturas comuns, tanto no que se refere a ritos religiosos como em estrutura política”.

Neste contexto de expressões, torna-se necessário também destacar as expressões corporais identificadas no terreiro São Sebastião, nota-se que ao entrar no terreiro, os médiuns assim como os filhos da casa cumprimentam gestualmente os orixás, ao se curvarem deitados de peito para baixo em sinal de respeito e a pedir bênção de seus orixás, assim também como sinal de respeito a sua líder espiritual Mãe Bena, que a cumprimentam com um beijo nas mãos a fim de serem abençoados. Outro aspecto gestual a se mencionar é a saudação ombro a ombro entre os Umbandistas que por sua vez simboliza a igualdade e a irmandade.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Por outro lado, as expressões corporais através das danças, representam a exaltação e a manifestação de fé entre os Umbandistas, uma vez que ao ouvir os sons dos atabaques a alegria em celebrar os orixás e exus se tornam evidentes, a melodia das cantigas acompanhadas aos sons dos atabaques referênciam a cada entidade.

Neste processo, os médiuns dançam em giras por horas com trajes iniciais de cor branca e ao longo do ritual trocam e representam a sua entidade incorporada. As danças por meios dos cânticos preparam os médiuns para a conexão com o mundo sobrenatural, para cada entidade tem uma dança, a exemplo disso nas giras de sexta-feira nos rituais a exus, a médium incorporada dançava com as mãos na cintura em giras em reverência a sua entidade, o exu pomba gira.

Dessa maneira, todas as expressões aqui citadas constituem um meio de comunicação entre os adeptos Umbandistas, uma vez que as expressões verbais e corporais representam sua cultura e a manifestação da sua fé.

Considerações Finais

A pesquisa de campo possibilitou conhecer a Umbanda, vista no cenário brasileiro não mais como seita e sim como uma religião, como descreve Oliveira (2004). Mãe Bena, líder espiritual do terreiro São Sebastião em Parintins, através da sua entrevista concedida e das informações coletadas, observamos traços marcantes desse universo umbandista descritos neste trabalho.

Logo, a Umbanda assim como as demais religiões possui elementos característicos de sua doutrina, considerados sagrados e essenciais nas celebrações, assim como uso de atabaques, defumação, velas, orixás e exus, além de expressões verbais e corporais usadas no terreiro.

Através disso, os elementos e expressões simbolizam, sobretudo, a ligação e a forma de comunicação com o plano espiritual na visão Umbandista. Uma vez que os médiuns incorporados em transe usufruem de uma linguagem e gestos específicos correspondentes às entidades incorporadas que ao se manifestar apresentam variação na linguagem ao pronunciar a sua chegada, a exemplo disso, médiuns que incorporam



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Erês, espíritos de crianças, que ao chegarem no ritual se comportam e falam como crianças.

Apesar de Parintins ser um município em que a religião predominante é a católica, a cultura em diversas crenças faz com que muitas pessoas mesmo não sendo da Umbanda, procurem as mães de santo para cura de doenças, já que acreditam nos remédios feitos com ervas medicinais e no poder das rezas das mães de santo. Por outro lado, há também aqueles que procuram as mães de santos para realizar curas espirituais, pois se dizem estarem “judiados”, a maioria dos indivíduos relatam alcançar a cura através dos remédios e de sua fé.

Contudo, apesar da exposição teórica e de campo sobre a Umbanda, a religião não está isenta de julgamentos, por ser uma religião nova e em formação, é mal interpretada por algumas pessoas, uma vez que associam a religião apenas aos negros como os únicos a cultuá-los.

Nota-se que muitos a julgam sem conhecê-la, evidenciando assim a discriminação e preconceito, fato este que não é recente. Visto na história da Umbanda com seu fundador Zélio Fernando de Moraes, que ao participar de uma sessão espírita kardecista foi discriminado por incorporar espíritos de negros e índios rotulados pelo dirigente como espíritos atrasados.

Neste sentido, o conhecimento possibilita exterminar julgamento precipitados associados a religião. Tornando-se necessário que a sociedade conheça essa religião, que precisa ser mais valorizada dentro da sociedade, não apenas criar estereótipos em relação a uma religião que desconhecem, mas acima de tudo, respeitar quem é deste universo Umbandista. Prandi (2004), diz que manter viva a umbanda na cultura brasileira é manter as tradições e recuperar um pouco do conhecimento perdido.

REFERÊNCIAS

AVANCINI, Elsa G. **O sagrado na tradição africana e os cultos afro-brasileiros**. In: SILVA, G. F.; SANTOS, J.A.; CARNEIRO, L.C.C (org.). RS Negro: cartografias sobre a produção do conhecimento. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

BARBOSA JÚNIOR, Ademir. **O livro essencial de Umbanda**. São Paulo: Universo dos livros, 2014.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

CIZOTO, Sonelise Auxiliadora, **Homem, Cultura e Sociedade**. Editora e distribuidora. Educacional S.A, 2016.

COLETÂNIA UMBANDA. **A manifestação do espírito para a caridade**. As origens da umbanda– I. São Caetano do Sul, 2013.

JÚNIOR, Hudson Roberto Beltrão; *Et al.* **A Umbandista do Aninga: Um Estudo Folkcomunicação**. Intercom. Parintins, 2014.

MARION, Leonardo Oliveira. **A comunicação organizacional em instituições religiosas: relatos etnográficos do centro espírita de umbanda são Jorge**. São Borja, 2014.

MARTINS, Giovani. **Umbanda de Almas e Angola: ritos, magias e africanidade/ coordenação editorial Diamantino Fernandes Trindade**. – 1ª Ed. – São Paulo: Ícone, 2011.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. **A construção de uma religião brasileira**. Rio de Janeiro, 2003.

OBATERU, Oluremi I. **The Yoruba city in history: 11 century to the present**. Ibadan; Nigeria: Penthouse, 2006.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**. Petrópolis: Vozes, 1978.

PRANDI, Reginaldo. **O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso**. Estudos avançados, Porto Alegre, 2004.

_____. **As religiões afro-brasileiras e seus seguidores**. Civitas – Revista de Ciências Sociais. Porto Alegre, 2003.

SILVA, Marcia Gabrielle Ribeiro; FERREIRA, Arcângelo da Silva. **Na trajetória da umbanda e candomblé: religiosidades de matrizes africanas na cidade de Parintins (1980-2000)**. Parintins: AM, 2015.

VERGER, Pierre Fatumbir. **Orixás: deuses iorubá na África e no mundo**. São Paulo: ed. Crrupio, 1981.

VICENTINO, C.; DORIGO, G. **História Geral e do Brasil**. 2ed. São Paulo: Scipione, 2013.